

TRÍADE PERSA NAS *HISTÓRIAS*: representações herodotianas de Ciro, Cambises e Dario

THE PERSIAN TRIAD IN THE *HISTORIES*: herodotian representations of Cyrus, Cambyses and Darius

Carlos Eduardo Ribeiro da Silva¹

RESUMO

Com o advento das Guerras Médicas, na primeira metade do século V a.C., o contato entre gregos e persas se intensificou. Na conjuntura pós-guerras, a política helênica e, especificamente, a política ateniense se fortaleceu e se consolidou de forma significativa. Somado a isso, observa-se um período de efervescência política, onde há a afirmação de uma identidade grega, pautada na união de “irmãos gregos” que lutam pela liberdade e contra a tirania, e consolidam sua identidade frente ao “outro”, representado principalmente pelo Império Persa. Heródoto, historiador de Halicarnasso, estava inserido nesse contexto político, onde escreveu suas *Histórias*. Divididas em nove livros, as *Histórias* narram diversos episódios históricos da Hélade e de povos do Oriente. No decorrer dessa obra Heródoto apresenta alguns dos monarcas persas, dos quais trabalharemos com a representação de três deles: Ciro como pai; Cambises como déspota; e Dario como mercador. Vale salientar que, nessas representações, é possível perceber elementos da política ateniense que consistiam na afirmação e exaltação dos elementos constituintes de uma identidade grega, e na propagação de uma figura negativa acerca do Oriente, de maneira específica, da Pérsia. Somado a isso temos a perspectiva de um historiador que teve contato com diversos povos e culturas. Vindo de uma colônia grega localizada na Ásia Menor que foi satrapia, isto é, província do Império Persa, Heródoto teve contato direta e indiretamente com os persas o que influenciou seu julgamento e escrita.

Palavras-Chave: Representações. Histórias. Heródoto. Monarcas Persas. Império Persa Aquemênida.

ABSTRACT

With the advent of the Persian Wars, in the first half of the fifth century BC, contact between Greeks and Persians intensified. In the post-war conjuncture, Hellenic politics and, specifically, Athenian politics were significantly strengthened and consolidated. Added to this, there was a period of political effervescence, in which there is an affirmation of a Greek identity, based on the union of “Greek brothers” who fight for freedom and against tyranny, and consolidate their identity against the “other”, represented mainly by the Persian Empire. Herodotus, a historian from Halicarnassus, was placed in this political context, in which he wrote his *Histories*. Divided into nine books, the *Histories* narrate several historical episodes from Hellas and the peoples of the East. In the course of this work Herodotus presents some of the Persian monarchs, of which we will work with the representation of three: Cyrus as father; Cambyses as despot; and Darius as a merchant. It is worth mentioning that, in these representations, it is possible to perceive elements of Athenian politics that consisted in the affirmation and exaltation of the constituent elements of a Greek identity, and in the expression of a negative figure about the Orient, specifically, Persia. In addition, we have the perspective of a historian who has had contact with different peoples and cultures. Coming from a Greek colony located in Asia Minor that was a satrapy, that is, province of the Persian Empire, Herodotus had direct and indirect contact with the Persians, which influenced his judgment and writing.

Keywords: Representations. Histories. Herodotus. Persian monarchs. Achaemenid Persian Empire.

¹Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: eduardo.ribeiro726@gmail.com

INTRODUÇÃO

Como bem sinalizou François Hartog (1999), em sua obra “O Espelho de Heródoto”, as digressões a respeito da história da Ásia Menor, presentes nas *Histórias* de Heródoto, consistem no que o autor chama de representação do outro (HARTOG, 1999), pelo fato de que a obra permite ao leitor observar qual era a perspectiva que os gregos ou helenos tinham a respeito dos “bárbaros”. Logo, no presente artigo, pretende-se observar a perspectiva que os helenos tinham, acima de tudo, sobre a civilização persa, por meio da representação de seus monarcas, sob a perspectiva de Heródoto, um historiador oriundo de uma colônia grega localizada na Ásia Menor.

Maria Aparecida de Oliveira Silva (2015) ressalta que as realidades histórica e mítica convivem no relato herodotiano, isto é, o mito herodotiano assume materialidade que o coloca no plano racional. Ao longo das *Histórias*, pode-se observar que, em muitos episódios históricos relatados por Heródoto, os oráculos exercem um importantíssimo papel no destino das personagens. Ademais, os deuses agem dentro de uma lógica histórica, na qual parte da história humana está condicionada pela vontade divina (SILVA, 2015). Portanto, pretende-se, também, analisar o papel desempenhado pelos oráculos nas *Histórias*, na qual os monarcas persas estão presentes como "protagonistas", analisando os discursos proferidos pelos oráculos, e também, pelos monarcas no momento em que os consultam.

As *Histórias* tiveram um impacto significativo, indubitavelmente, no que tange às perspectivas do Ocidente acerca do Oriente, tanto na Antiguidade, quanto nos estudos acadêmicos da área de História Antiga. Deve-se destacar nesse contexto a importância de se estudar a Antiguidade Oriental e Clássica e a sua contribuição para a construção de uma memória social e das perspectivas acerca de identidades culturais e sociais (GUARINELLO, 2003).

O presente artigo pretende analisar as representações acima citadas, considerando que o Império Persa Aquemênida representa o primeiro império multicultural da história, e como essas representações traduzem questões referentes à política em ascensão do “Império Ateniense”. Vale salientar que tais representações se dão por meio dos discursos, julgamentos e elogios feitos por Heródoto em relação às virtudes e aos vícios atribuídos implícita ou explicitamente a cada monarca ao longo dos nove livros que compõem as *Histórias*. Este artigo também tem por objetivo dar visibilidade à temática da Pérsia Aquemênida, estimulando novos

estudos acadêmicos acerca dessa antiga civilização, possibilitando experimentar e diversificar abordagens, metodologias e temáticas de pesquisa.

Além disso, pretende-se discutir tais representações herodotianas sob a perspectiva “da representação do outro” proposta por François Hartog (1999), identificando os cenários político, histórico e cultural nos quais Heródoto está inserido. Deseja-se, também, analisar a presença dos oráculos, a importância dos sonhos e das previsões no desenrolar dos acontecimentos históricos das personagens das *Histórias*, isto é, a vontade divina atuando como juíza da história, como bem sinalizou a Maria Aparecida de Oliveira Silva (2015).

Por fim, pretende-se avaliar como esses discursos serviram para a construção de uma imagem despótica dos monarcas presas na ótica grega, procurando questionar e desconstruir tal imagem pejorativa e estigmatizada na medida em que se salienta que a composição da obra herodotiana é produto de seu próprio tempo, associando tal discurso à política de Péricles, que buscava degradar a imagem do “outro”.

CONTEXTO GERAL (SÉCULO V a.C.)

No limiar do século V a.C., ocorre uma intensificação nas relações entre a Grécia e o Império Persa. Tal intensificação encontra-se associada às Guerras Greco-pérsicas, tendo início com a Batalha de Maratona (490 a.C.) ainda no período do reinado de Dario I, cognominado o grande, enquanto as batalhas restantes ocorrem no período do reinado do seu filho e sucessor Xerxes. Após o embate belicoso entre essas duas civilizações, observa-se um período de efervescência política em Atenas resultante da defesa fervorosa da democracia, principalmente quando comparada à monarquia. Um símbolo dessa conjuntura pós-guerra é a Liga de Delos², que fora criada com o intuito de manter as forças persas afastadas, caso tentassem um ataque novamente. Heródoto vive nessa conjuntura da Atenas de Péricles, contexto que disseminou as ideias de uma Grécia unida contra a Pérsia. Péricles financiou círculos literários e construções na Acrópole, tendo como a principal delas o *Partenon* – dedicado à deusa patrona da *pólis* de Atenas e considerado símbolo da democracia grega frente ao “despotismo persa” – que

² Matheus de Vargas Souza (2020) relata como se deu o processo de desenvolvimento de Atenas. Após o embate com os persas, Atenas se usou da Liga de Delos como um instrumento de legitimação de uma identidade frente ao “outro”, com o objetivo interno de se desenvolver. Mas o objetivo principal dessa Liga entre as pólis era o de manter as forças persas afastadas. Com isso, cria-se uma hostilidade ao “outro” que é central na historiografia produzida nessa época.

enfaticavam a diferença entre o “grego” e o “outro”, ou seja, há uma forte afirmação de uma identidade grega,³ da alteridade quando se pensa em como os gregos viam a si próprios e como eles viam o “outro”.⁴ Aqui se fazem presentes também questões acerca da tirania que, no discurso grego, era, na maioria das vezes, vinculada à monarquia persa e aos vícios provenientes do modelo de governo monárquico. Apesar disso, Heródoto, nas suas *Histórias*, trabalha de maneira a ponderar tais questões e não entra num dilema no qual julgava e condenava única e exclusivamente o “outro”. Por esse motivo, Condilo (2008) trabalha as questões e a presença do termo “tirania” nas *Histórias* de Heródoto, onde na maioria das passagens, o termo “tirania” com conotação negativa se refere não ao caso persa, mas a casos ocorridos em solo grego.⁵

Outro ponto que deve ser destacado é o fato de que Heródoto, estando na Grécia e tendo como principal público o povo ateniense, tivesse que adequar sua escrita a esse público, tanto através da intenção de fazer uma “tradução” do outro como uma espécie de “transposição didática”, quanto em questões de julgamentos na hora de narrar as suas *Histórias*, envolvendo personagens orientais, pois, a existência dessa proposta política de tratar e descrever o “outro” de forma hostil repercutiu na escrita de Heródoto. Além disso, não se pode deixar de lado o fato de que Heródoto é um grego que nasceu em Halicarnasso⁶, ou seja, numa colônia grega na Ásia Menor, que foi satrapia do Império Persa e, devido a isso, teve contato direto e indireto com a Pérsia Aquemênida. Mas deve-se ressaltar que os gregos tiveram outros tipos de contatos, para além do belicoso e hostil, com o Império Aquemênida. Podemos citar como exemplo as elites que importavam produtos orientais ou tentavam recriar produtos orientais como forma de se distinguirem dos demais moradores da pólis (TREUK, 2018). Contudo, após as Guerras Greco-pérsicas, a perspectiva dos gregos, que viam a si próprios como defensores da liberdade e da democracia, mudou, tratando com hostilidade qualquer coisa que tivesse relação com o Oriente

³ Jonathan Hall (2001) argumenta que ao longo de toda a história grega, as questões de identidade se fizeram presentes e, principalmente, elas eram mutáveis, ou seja, ele concorda com a ideia de John Myers no que diz respeito ao grego estar sempre em um processo de “vir a ser grego”. Tendo isso em vista, pode-se afirmar que os requisitos para se considerar “heleno” mudam ao longo do tempo, do Período Arcaico ao Helenístico.

⁴ Segundo Edith Hall (1989), a construção da imagem do “bárbaro” no imaginário grego se deu como uma forma de afirmar uma identidade grega frente ao “outro”. Toda essa construção teve como principais responsáveis os atenienses que, sob o governo de Péricles, por meio de discursos foram delimitando o significado do que viria a “ser grego” e o que os diferenciava do “outro”, valorizando uma cultura dos “livres”.

⁵ Segundo Condilo (2008), das 38 passagens que continham o termo “tirania” com conotação negativa, 28 são em contexto atenienses, não em contextos orientais.

⁶ Halicarnasso esteve sob domínio persa, tornando-se uma de suas satrapias. Heródoto registra que Artemísia I, rainha e sátrapa de Cária, lutou ao lado dos persas durante a Batalha de Salamina contra Temístocles e os atenienses.

e adotando medidas de ostracismo. Ou seja, houve o exílio de muitos gregos com o argumento de que estes estariam contribuindo com algum plano ou complô encabeçado pelo Império Persa.

Ademais, deve-se ressaltar que, nessa conjuntura, ocorre a construção do “bárbaro” no imaginário grego, com o objetivo de afirmar uma nova concepção acerca da identidade grega voltada para uma unidade cultural frente ao “outro”, ao “bárbaro”, ao persa. Toda essa construção teve como principais responsáveis os atenienses que, sob o governo de Péricles, elaboraram o significado do que viria a “ser grego” e o que diferenciava os gregos dos “bárbaros”, tendo como exemplo o paradoxo entre virtudes e vícios que representavam, respectivamente, gregos e “bárbaros”. Além disso, há o objetivo realizar uma diferenciação e valorização da cultura dos “livres”, isto é, dos gregos, frente à cultura dos “escravizados” que são representados pelos persas. Segundo Edith Hall (1989), a história dos “bárbaros” é a história do conflito entre gregos e persas, ou seja, da polarização no pensamento grego entre helenos e bárbaros, que tinha emergido em algum momento em resposta à ameaça crescente representada pelo Império Persa (HALL, 1989). Em outras palavras, o “bárbaro” em um sentido mais amplo era um adversário despótico para os helenos livres. Hall (1989), argumenta que o desenvolvimento da polarização do grego com o “bárbaro”, na arte ateniense e no pensamento grego, durante todo o século V a.C., está na ideologia, ligada aos laços de lealdade coletiva dos membros da Liga de Delos contra os persas (HALL, 1989). De acordo com Hall (1989), o retrato do inimigo se tornou um contraponto para a autodefinição e autoelogio dos gregos. A grandeza dos persas plantou dentro deles as sementes de sua própria destruição, pois, seu temperamento étnico era passível de despotismo, escravidão, excesso, e suas consequências. Por outro lado, a grandeza grega, e especialmente ateniense, era construída sobre as virtudes da igualdade, liberdade e austeridade (HALL, 1989). Tendo o exposto acima, pode-se passar às análises das representações herodotianas dos monarcas Ciro, Cambises e Dario.

AQUEMÊNIDAS: AS REPRESENTAÇÕES DE CIRO, O GRANDE, COMO PAI E FUNDADOR DO IMPÉRIO

Este trabalho tomou como base uma passagem do Livro III – dedicado à musa Tália – das *Histórias* de Heródoto de Halicarnasso, na qual o historiador faz uma comparação entre os monarcas Ciro II, Cambises II e Dario I, onde Ciro é apresentado como um “pai”; Cambises é apresentado como um “déspota”; e Dario é apresentado como um “mercador” (HERÓDOTO,

Histórias, III, 89, 1^oed. 2017). Partindo da passagem citada a figura paternal de Ciro II em relação ao Império Persa Aquemênida diz respeito não apenas ao fato dele ser considerado o fundador do referido império, mas também por ser considerado um monarca sincretista, tendo em vista que os povos subjugados eram relativamente bem tratados em função da adoção de uma política oficial que respeitava a língua, a religião, a cultura e os costumes dos conquistados.

Macardle (2021), disserta que Ciro adquiriu o epíteto “o Grande”⁷ não apenas pelas grandes conquistas levadas a cabo por ele, como, também, pela diplomacia e pelo tratamento humano destinado aos povos conquistados.⁸ Pode-se perceber que há uma ênfase e uma legitimação em relação à representação de Ciro como um pai,⁹ um monarca sincretista e um conquistador. Por hora, focaremos apenas na representação de Ciro como um pai para o Império Persa. Deve-se ressaltar que uma representação não está dissociada da outra se levarmos em conta que esse monarca apresenta diversas facetas ao longo de sua vida e trajetória no relato herodotiano. Vale ressaltar que por dar liberdade de culto, libertar os povos de tiranos locais, governar com tolerância e assegurar certos direitos para todos, Ciro conquistou a lealdade do povo e o respeito dos inimigos.

Ciro II estabeleceu o padrão de governo e administração do Império Persa. Isso pode ser visto a partir das colocações feitas pelo grego Xenofonte que, em sua *Ciropeia*, escolheu Ciro como modelo de grande comandante militar e governante. É perceptível que muitos autores gregos consideravam Ciro II como um exemplo/modelo a ser seguido de governo/governante ideal, contrastando nitidamente com seu filho e sucessor, Cambises, visto como um governante decadente devido aos seus vícios e suas atitudes despóticas e sacrílegas, principalmente, por faltar com respeito ao que era considerado sagrado, tendo como maior exemplo o episódio com o Touro Ápis (HERÓDOTO, Histórias, III, 27-31, 1^oed. 2017).¹⁰

⁷ Maria Aparecida de Oliveira Silva (2015) também concorda que Ciro recebeu esse epíteto por ter conquistado todos os povos vizinhos e fundado o Império Aquemênida, o maior império de seu tempo.

⁸ Segundo Macardle (2021), pelos padrões da época, Ciro foi incrivelmente humano. O monarca não massacrava os habitantes das cidades conquistadas e poupava até os seus governantes, como ocorreu com o rei Cresos da Lídia. Com essa postura mais humanizada ele ganhou o apoio dos povos conquistados por permitir que mantivessem as suas práticas religiosas, assim como muitos dos costumes locais. A autora ainda ressalta que, em geral, os conquistadores anteriores cometiam atrocidades contra a população conquistada como um meio tradicional de demonstrar superioridade, destruindo eventualmente templos e palácios.

⁹ Essa representação caminha lado a lado com a figura deste monarca como o fundador do Império Persa Aquemênida, apesar de existir o fundador lendário chamado “Aquêmenes” que é o que dá nome à dinastia dessa primeira fase do Império Persa.

¹⁰ O interessante dessas comparações entre pai e filho/sucessor é que o mesmo se repete posteriormente com Dario e Xerxes. Dario implementando sua reforma em todo o império acaba por se destacar tanto quanto Ciro II e o período de seu governo é considerado como de apogeu enquanto que Xerxes, por focar tanto na vingança do pai e

Com base no exposto acima, pode-se partir para análise das passagens selecionadas acerca de Ciro II, o Grande:

E Ciro, depois de ter reunido seu exército e acolhido todos os colonos das regiões intermediárias, resistiu a Cresos. [...]. E a batalha foi terrível, muitos tombaram de ambos os lados; por fim, nenhum deles havia vencido, e eles se separaram quando a noite chegou. E assim ambos os acampamentos militares lutaram. E Cresos estava insatisfeito com o número de homens do seu exército, e estava descontente com isso; porque, no dia seguinte, Ciro não tentou atacar, ele reconduziu seu exército para Sárdis, tendo em mente convocar os egípcios pelo juramento que fizeram e convocar os babilônios, e ainda chamou os lacedemônios para se apresentarem na data combinada; [...] E ele, tendo isso em mente, quando retornou para Sárdis, enviou seus arautos, conforme as alianças militares, para anunciar que se reunissem em Sárdis em cinco meses; e o exército que estava ao seu lado e que havia combatido contra os persas, que eram de território estrangeiro, todo esse contingente, depois de ter sido dispensado, dispersou-se; porque jamais imaginara que, então, Ciro avançaria contra Sárdis, visto que tinha ocorrido uma luta muito equilibrada. (HERÓDOTO, 2015, p. 76-77).

O que se pode notar na passagem acima é que, primeiro, Heródoto escreve com o objetivo de traduzir Ciro para o público grego¹¹ e, sabendo do ódio alimentado pelos gregos em relação aos persas neste período, ele apresenta um Ciro com uma postura mais virtuosa, ou seja, uma postura que se aproximasse mais do ideal grego. Tendo isso em vista, o que se percebe ao longo das passagens do Livro I – dedicado à musa Clio – que tem como foco a figura de Ciro, o Grande, é a existência de uma relação forte entre Ciro e Cresos¹², além da apresentação de Ciro como um ótimo estrategista, um general com inúmeras conquistas, um monarca ideal e, acima de tudo, com tantas virtudes a ponto de ser considerado por seus iguais como um “pai para o povo”. Outro ponto a ser destacado é a presença dos mercenários lacedemônios – termo mais “geral” para se referir aos espartanos, porque compreendia toda uma unidade regional e não apenas a *pólis* de Esparta – que foram contratados por Ciro II. Há outros relatos de autores gregos sobre monarcas persas que compravam os serviços de mercenários gregos com o ouro persa, por esse motivo os espartanos mais tarde foram acusados de serem partidários dos persas em troca de ouro e de acordos territoriais.

em levar uma guerra desastrosa à Grécia, é considerado, assim como Cambises, como um governante decadente em termos de modos de governar ou de um monarca ideal.

¹¹ Deve-se lembrar do trabalho importante da historiadora Edith Hall (1989) que trabalha com a construção do “bárbaro” no imaginário grego. Apesar de focar nos “*Persas*” de Ésquilo, os conceitos também se aplicam ao relato herodotiano.

¹² Há a presença de outros relatos que citam ambos os reis no Livro I – *Clio* das *Histórias*, onde é narrado que após Cresos ser capturado por Ciro e ter sido acolhido pelo monarca na função de um importante conselheiro, em diferentes oportunidades Ciro recusa os conselhos de seus iguais para dar ouvidos aos conselhos e ideias de Cresos, julgando que eram as mais razoáveis. Para mais informações dessas passagens, verificar: *Histórias*, I, p. 152-157 e 205-208.

Pode-se perceber também nessa passagem que Ciro II tinha controle sobre um vasto território como resultado de suas conquistas ao longo da Ásia, reforçando a sua imagem de um conquistador. Também nessa passagem observa-se o caráter de grande estrategista militar e hábil diplomata próprio à personalidade de Ciro na medida em que ele firma alianças com diferentes povos.

Outro aspecto da personalidade de Ciro apresentado nas *Histórias* é a sua postura indulgente e equilibrada em relação aos povos que estavam sob o seu domínio, visto que, estes tinham a suas crenças, cultura e tradições respeitadas, o que atribuiu a Ciro o título de “pai do povo”. Outro exemplo da benevolência de Ciro foi, justamente, a permanência na sua corte de Astíages, seu avô e o último rei medo. Vale ressaltar que Astíages viveu na corte de seu neto Ciro II até a sua morte em aproximadamente 548 a.C., apesar de ter tentado matar Ciro e ter sido deposto por ele. Em outra passagem lemos:

Então, os persas tomaram Sárdis e capturaram o próprio Creso, que governara durante catorze anos e havia sido sitiado por catorze dias e que, conforme o oráculo, ele pôs fim ao seu grande império. Depois de agarrá-lo, os persas levaram-no para Ciro. E ele ordenou que fosse erguida uma grande pira e que Creso fosse colocado em cima dela, preso com grilhões [...] saber se Creso era temente aos deuses; por causa disso, ordenou que ele fosse colocado sobre a pira, querendo saber se alguma divindade iria protegê-lo para que não fosse queimado vivo. Então, ele fez isso. [...] Ora, quando lhe ocorreu isso, suspirou e lamentou, depois de uma longa calma, e disse três vezes o nome de Sólon. E, após Ciro ter ouvido isso, ordenou que seus intérpretes perguntassem a Creso quem era esse que ele invocava, e eles se aproximaram dele para perguntar. [...] E quando Ciro ouviu dos intérpretes o que Creso disse, mudou de ideia e compreendeu que também ele mesmo era um homem e que outro homem em vida ele dava ao fogo, o qual ocorria de ter uma felicidade não menor que a dele próprio; além disso, por temer a retribuição divina, também lhe veio à mente que nada havia dentre os homens que fosse estável, então ordenou que apagassem o mais rápido possível o fogo que queimava e que descessem Creso e os que estavam na companhia dele. E os que tentaram não foram capazes ainda de dominar o fogo. [...] Creso [...] invocou Apolo para socorrê-lo [...]. Após ele, chorando, ter invocado o deus, de um céu sereno e sem vento, aglomeraram-se, de repente, nuvens; irrompeu uma tempestade, choveu com uma água torrencial, e a pira foi apagada. Assim, Ciro compreendeu, então, que Creso era um homem bom e amado pelos deuses [...] enquanto Ciro ordenava que ele fosse libertado e que se sentasse perto dele, e seguramente teve para com ele muita consideração, ele mesmo muito maravilhado o olhava e também todos os que estavam em torno dele. [...] E Ciro, encorajando-o, ordenou que ele falasse o que quisesse. E ele perguntou, dizendo: "O que é isso que essa numerosa multidão está fazendo com tanta pressa?". E ele lhe respondeu: "Está saqueando a tua cidade e levando as tuas riquezas". E Creso disse-lhe em resposta: "Não é a minha cidade nem as minhas riquezas que ela está saqueando; pois nada tenha ainda delas depois disso; mas essa carrega e leva as tuas coisas". E Ciro prestou atenção no que Creso disse e, após ordenar que os outros se retirassem, perguntou a Creso o que ele observava nas coisas que estavam sendo feitas. E ele disse: "Depois de os deuses o terem me concedido a ti como escravo, considero justo, se algo vier a mais, indicar-te. Os persas, porque são insolentes por natureza, são pobres. Se tu olhares com indiferença para esses que estão saqueando e se apoderando dessas grandes riquezas, disto é provável que alguém dentre deles, aquele que se apoderar de mais

riquezas que os outros, esse seja capaz de se insurgir contra ti. Agora faz o seguinte, se te parece bom o que eu digo: coloca guardas dentre teus guarda-costas em todas as tuas portas, dizendo-lhes que retirem as riquezas daqueles que as estão levando embora, destacando que é necessário que eles deem a décima parte a Zeus. E tu não trarás a ira deles, por lhe retirar suas riquezas à força, e eles compreenderão que tu ages com justiça e as entregarão para ti de bom grado". Após ouvir isso, Creso alegrou-se excessivamente, porque lhe pareceu que foi bem aconselhado; e agradeceu-o muito; depois, ordenou aos guarda-costas que cumprissem o que Creso havia aconselhado e disse a Creso as seguintes palavras: "Creso, porque estou preparado para fazer-te um homem régio, pelas tuas palavras e ações úteis, pede-me qualquer presente que queiras, que tu o terás imediatamente". [...]. E Creso, sorrindo, disse: "Terás isso feito por mim, Creso, e qualquer outra coisa que a todo o momento me pedires". (HERÓDOTO, 2015, p. 86-90).

Na passagem acima, pode-se perceber que houve uma inversão na descrição da batalha entre Creso e Ciro, onde Ciro sai como vencedor, alimentando aquela imagem de um monarca guerreiro que subjugou a Ásia inteira e acoplou diversos povos ao seu império. Há um elemento interessante nesse episódio narrado por Heródoto, pois há uma súbita mudança na abordagem de Ciro ao longo do relato, pois no início, esses dois reis estavam guerreando entre si; em seguida, Ciro manda amarrarem Creso em uma pira e a ateam fogo nela e, após perceber que Creso tinha suas virtudes, Ciro muda de ideia sobre matar o antigo rei lídio. Um elemento mais importante ainda de se notar é a presença divina nesse episódio¹³. Assim, pode-se perceber que o divino está sempre presente como julgador do destino dos homens. Logo, se o homem é temente aos deuses, ele é um homem de virtudes e por isso não merece um fim trágico, daí a súbita mudança de ideia de Ciro e a intervenção de Apolo, que apaga o fogo da pira na qual Creso estava amarrado. A “cereja do bolo” seria, justamente, a “bonificação” que Creso recebe ao ser acolhido por Ciro como um conselheiro. Ou seja, na perspectiva herodotiana, se um homem tem suas virtudes, ele seria recompensado e se um homem tivesse apenas vícios, ele estaria destinado à decadência e destruição. Além disso, é interessante perceber que os conselhos de Creso a Ciro para a administração de Sárdis conduzem Ciro a um estilo de vida democrático semelhante ao adotado em Atenas, onde a opinião de todos era não apenas importante, mas também levada em conta. Tal colocação serve como um contraponto à perspectiva de um monarca despótico que faz tudo aquilo que deseja sem ponderar as

¹³ Segundo Maria Aparecida de Oliveira Silva (2015), do mesmo modo, os oráculos atuam como causas das ações dos homens, manifestando a vontade divina sobre o pensamento humano. Então, na narrativa herodotiana, os deuses agem dentro de uma lógica histórica na qual parte da história humana está marcada pela vontade divina, em grande parte atuando como juiz da História, dado que ela surge como uma punição pela soberba humana.

consequências de seus atos. Há também uma mudança no comportamento de Creso, visto que, antes era um rei orgulhoso que se preocupava apenas em proteger a Lídia e derrubar o império de Ciro, cumprindo a visão do oráculo, na qual ele seria responsável por derrubar um grande império. Ou seja, firmava-se a imagem de um homem ganancioso, que se desviava das virtudes facilmente. Mas, quando percebe que o império que ele derrubaria seria o seu próprio, ele muda de postura e passa de um rei orgulhoso para um conselheiro sábio e moderado.

UM DÉSPOTA ENTRE OS EGÍPCIOS: REPRESENTAÇÃO DE CAMBISES NO LIVRO III DAS *HISTÓRIAS* DE HERÓDOTO

A representação mais famosa de Cambises em Heródoto, filho e sucessor de Ciro, é a de um monarca déspota cheio de vícios, sacrílego, louco etc. Em um primeiro contato com a obra herodotiana e, mais precisamente, com o Livro III – *Tália*, que tem um enfoque na figura de Cambises, temos uma representação mais evidente acerca desse monarca persa. Mas, em uma leitura mais aprofundada, pode-se notar certas nuances bem sutis suavizando a representação de Cambises, o que entraria em sintonia com o padrão já encontrado nas *Histórias* de Heródoto, que é marcada por uma visão dúbia acerca do Oriente. A passagem em questão se encontra, como dito anteriormente, no Livro III – *Tália*, livro que tem como foco o Egito e o monarca persa que havia conquistado e anexado aquele reino ao Império Persa, dando continuidade ao projeto de conquistas de seu pai e antecessor. Cambises é apresentado como a personificação de tudo aquilo que entra em contraste com os “princípios gregos”,¹⁴ nesse período de efervescência política e alteridade do grego frente ao “outro”. Mas, no meio de toda essa representação, há uma passagem que coloca Cambises como um monarca que pertenceria à comunidade egípcia, não como um déspota, como um louco ou, até mesmo, como um sacrílego. A passagem ao qual me refiro é a que se segue:

Mas os egípcios consideram Cambises um membro de sua comunidade, afirmando que ele nasceu dessa filha de Apriés; pois Ciro foi quem enviou um arauto à presença de Amásis para pedir sua filha em casamento, e não Cambises. Mas não contam corretamente quando dizem isso; eles não ignoram nada (pois se existem uns e outros que conhecem, os egípcios conhecem bem os costumes dos persas) que, em primeiro lugar, pela lei que eles têm, que não é possível a um bastardo reinar quando há um filho legítimo presente, além disso, que Cambises que era filho de Cassandane, que era filha de Farnaspes, um homem Aquemênida, mas que não era de origem egípcia.

¹⁴ Vale ressaltar que essa é uma questão bastante complexa, porque os gregos estão num constante “vir a ser grego” e os critérios para se considerar grego mudam de acordo com o período, como já analisado anteriormente por Jonathan Hall (2001) que trabalha com as questões de identidade grega.

Mas eles distorcem a história para que a família de Ciro tenha parentesco com as deles. (HERÓDOTO, 2017, p. 2).

Por mais sutil e implícita que essa passagem possa ser, Heródoto apresenta um Cambises para além da representação de um monarca vicioso que ilustra tudo aquilo que os gregos abominam. Vale ressaltar que nessa passagem, Heródoto mostra a versão dos egípcios acerca do domínio persa sobre o seu país. Por mais que Heródoto não esteja realizando elogios ao monarca, como ele faz com os outros monarcas presentes nas suas *Histórias*, pode-se perceber que, nas entrelinhas, Cambises é uma personagem tão complexa quanto todo e qualquer outro monarca. Vale salientar que Ciro, também analisado anteriormente, é apresentado como um monarca multifacetado e, por esse motivo, um personagem complexo, o que pode ser percebido nas duas representações analisadas que são mais explícitas; a primeira, no Livro I – *Clio*, diz respeito a um Ciro conquistador; a segunda diz respeito a um Ciro com caráter sincretista que anexou vários povos e respeitou seus costumes, culturas e religiões. Ademais, o que se pode notar é que todos os monarcas, por mais que sejam considerados “inimigos” dos gregos por causa do embate belicoso nas Guerras Médicas, possuem diferentes representações ao longo do relato herodotiano, o que os tornam personagens bastante complexas.

Vale ressaltar que Heródoto ao criticar o despotismo e a tirania do Império Persa, estava criticando o despotismo e a tirania de maneira geral. Em muitos casos, como foi analisado por Condilo (2010), as ocorrências da palavra “tirania”, com conotação negativa nas *Histórias* de Heródoto, tinham maior significado quando se referiam à Grécia que quando à Pérsia. Ademais, há também outra passagem de Cambises, onde Heródoto o apresenta de forma semelhante ao de seu pai, Ciro, o Grande:

Portanto, os carquedônios assim escaparam da escravidão dos persas, pois Cambises julgou que não era justo levar Bía [violência] contra os fenícios, que eles próprios haviam se entregado aos persas e que toda a esquadra naval era preparada pelos fenícios. (HERÓDOTO, 2017, p. 19).

Nessa passagem, pode-se perceber que Cambises é um monarca mais moderado que manifesta oposição à violência. O relato do Livro III já começa realizando uma alusão à morte de Ciro II, por cuja causa ainda paira um “luto” sobre Cambises, pois seu pai e antecessor havia realizado diversas contribuições para o império e, por esse motivo, ele estaria vivendo à sombra do pai. Tendo isso em vista, Heródoto muito provavelmente se utilizou desses fatores para

construir um Cambises que, num primeiro momento, seria um monarca mais moderado¹⁵ e, com isso, se assemelha mais ao seu pai. Entretanto, no decorrer das *Histórias*, o monarca teria se transformado, enlouquecendo, reforçando a ideia que ele havia alcançado um “auge” e mergulhado na “decadência”.

O principal ponto a ser tratado a partir dessa representação mais suavizada acerca de Cambises é que, apesar de toda a hostilidade dos gregos frente aos persas, toda representação tem um caráter extremamente complexo, tendo em vista as questões de alteridade, de afirmação de uma identidade frente a outra. E toda essa complexidade está também presente na obra de Heródoto de Halicarnasso, explícita ou implicitamente, talvez por ser um grego da Ásia Menor e por ter tido maior contato com o Oriente, o que teria gerado uma perspectiva mais aberta. Sua visão talvez seja resultado das Guerras Médicas, que acabaram por declarar a Pérsia como principal ameaça e inimiga da Grécia, a ponto das poleis se juntarem para criarem uma frente com o objetivo de manter o Império Persa afastado em casos de futuras investidas, aqui me referindo à Liga de Delos.

Agora, analisaremos outra representação de Cambises na obra de Heródoto, ou seja, a imagem de um monarca déspota, sacrílego, louco e cheio de vícios. O Livro III – *Tália* está recheado de passagens com essa representação de Cambises como um déspota. Dentre esses episódios está um no qual ele manda matar o próprio irmão que, na tradução das fontes gregas, se chama Esméridis.¹⁶ O foco da questão deve ser de que maneira a representação de um monarca déspota se desenvolve em tais episódios que enfatizam o caráter mais “polêmico” de Cambises, como a seguir:

E Cambises veio de Mênfis para a cidade de Sais, querendo fazer as coisas que de fato ele fez. Pois, quando ele entrou no palácio de Amásis, imediatamente ordenou que o cadáver de Amásis fosse retirado da sua sepultura e colocado do lado de fora dela, para que ele recebesse o que lhe era devido; também ordenou que chicoteassem o seu cadáver, arrancassem seus cabelos, perfurassem-no com agulhões, e ainda que fosse ultrajado em todas as outras partes do seu cadáver. [...] Cambises ordenou que ele

¹⁵ Pode-se citar que uma fonte egípcia, uma autobiografia, de um sacerdote, médico e dignitário egípcio Oudjahorresné também mostra a figura de um Cambises mais moderado e mais próximo do que seria um “monarca ideal”. Entretanto, leva-se em conta que Oudjahorresné era sacerdote de um templo que não era muito respeitado/valorizado em sua época e apenas Cambises voltou seu olhar e cuidado para o templo em Saís. Isso pode ter despertado certo descontentamento em outros sacerdotes de outros templos que, nesse período, eram mais respeitados e valorizados. Somado a isso, deve-se lembrar que Heródoto viajou ao Egito e muitas das informações que o historiador coloca nas suas *Histórias* são informações coletadas de sacerdotes egípcios que, por tal descontentamento, podem ter apresentado um Cambises como uma figura despótica.

¹⁶ Apesar de que, nas fontes persas, o nome do irmão de Cambises seja outro, Bardiya. Mas isso é apenas questão de traduções, nas quais os nomes das personagens acabam por entrar em conflito.

fosse completamente queimado, embora o que havia ordenado não fosse permitido pela lei divina; pois os persas consideram que o fogo é um deus. (HERÓDOTO, 2017, p. 116).

Com a passagem acima, pode-se perceber que Cambises, pouco depois de conquistar o Egito, começou a ter uma série de atitudes consideradas sacrílegas, e uma delas foi o desrespeito que ele teve com o cadáver do faraó Amásis.¹⁷ Vale ressaltar que, antes mesmo da chegada de Cambises ao Egito, ele possuía uma aliança com esse faraó.¹⁸ Mas, devido à traição de Amásis na tentativa de enganar Cambises, o monarca agiu dessa maneira. Entretanto, apesar de ter um motivo aparente para tal atitude, o que Heródoto mostra ao longo do Livro III é que as atitudes de Cambises não tinham um motivo aparente, ou seja, ele fazia o que desejava fazer, tal qual um rei insano.

Em outro episódio, relatado por Heródoto, no qual Creso e Cambises discursam, Creso adverte e aconselha Cambises e este se revolta e relembra dos feitos de Creso que resultaram em desastre, como, por exemplo: a tomada de Sárdis e a morte de Ciro. Tudo isso acontece, segundo Cambises, por culpa de Creso. Após o discurso, acontece o que se segue:

E depois de ter dito essas palavras, Cambises pegou suas flechas para acertá-las nele com seu arco, mas Creso correu em fuga para fora do recinto. Depois disso, porque não podia acertá-lo com seu arco, ordenou aos seus servos que o apanhassem e o matassem [...]. De fato, Cambises cometeu muitas loucuras dessa natureza contra os persas e seus aliados; como quando permaneceu em Mênfis, abriu as antigas sepulturas e examinou os seus cadáveres. De fato, como quando entrou no templo de Hefesto e gargalhou muitas vezes com a sua estátua. [...] E Cambises entrou ainda no templo dos Cabiros, onde não é permitido pelas leis divinas que nenhum outro entrasse no seu templo senão um sacerdote; e ele também colocou fogo nessas estátuas, depois de ter zombado delas muitas vezes. [...]. De toda maneira, está claro para mim que Cambises estava completamente louco. (HERÓDOTO, 2017, p. 36-38).

Na passagem acima, pode-se notar o ápice da loucura de Cambises, a ponto do próprio Heródoto opinar que, para ele, Cambises já estava completamente louco. Ou seja, há uma crescente no que diz respeito à insanidade de Cambises ao longo do relato do Livro III, começando com algo baseado no luto pela morte do pai, somado a uma confusão e raiva, que se desenvolve e se agrava a ponto de Cambises se perder totalmente e não conseguir retornar a si, chegando ao ápice de sua loucura. Ademais, outro ponto que se tornou bastante emblemático no relato herodotiano e que caracteriza a loucura pura de Cambises foi o monarca ter mandado

¹⁷ Faraó da XXVI dinastia egípcia que governou entre os anos de 570 e 526 a.C

¹⁸ Na visão dos persas, Cambises tentou estabelecer laços de parentesco entre a Pérsia e o Egito e assim unir seus reinos, o que aparentemente foi aceito de bom grado por Amásis, tanto é que Amásis entregou a filha do seu antecessor Apriés para ela se casar com Cambises.

um mago chamado “falso Esmérdis” matar seu irmão “Esmérdis”, sendo que após ter cumprido sua tarefa, o “falso Esmérdis” traiu Cambises. Tendo isso em vista, pode-se trazer a passagem que se segue:

Depois de Cambises ter chegado em Mênfis, o deus Ápis apareceu para os egípcios [...] quando aconteceu essa aparição, imediatamente os egípcios vestiram suas vestimentas mais belas e ficaram em festa. Nesse momento, ao ver isso que os egípcios faziam, Cambises, porque estava completamente desconfiado de que estavam alegres e realizavam essas festividades por causa de ele estar em uma situação difícil, convocou os governadores de Mênfis; quando eles chegaram à sua presença, ele lhes perguntou por que, quando ele esteve antes em Mênfis, os egípcios não fizeram nada dessa natureza, mas nesse momento em que novamente ele estava presente lá [...] E eles lhe responderam que um deus havia aparecido para ele, também que ele tinha por hábito aparecer de tempos em tempos, e sempre que o deus aparecia, então todos os egípcios ficavam alegres e festejavam. Depois de ter ouvido isso, Cambises disse que eles estavam mentindo para ele, quando os condenou à pena de morte porque haviam mentido. Após eles terem sido mortos; logo ele convocou os sacerdotes à sua presença. Mas, quando os sacerdotes lhe disseram as mesmas palavras [...] ele ordenou aos sacerdotes que lhe trouxessem Ápis. [...] Quando os sacerdotes lhe trouxeram Ápis, Cambises, sendo como que o mais destinado, puxando para fora o seu punhal e querendo golpear o ventre de Ápis, atingiu sua coxa; e, sorrindo, disse aos sacerdotes: "Cabeças ruins" Esses são os seus deuses, cheios de sangue e feitos de carne, que são atingidos pelo aço? Certamente, esse é o deus digno dos egípcios, mas vós não estais alegres porque estais me dando motivos para risadas". Depois de ter dito isso, ele ordenou-lhes que executassem a tarefa de chicotear os sacerdotes, e que capturassem e matassem os outros egípcios que estivesse festejando. [...] E Cambises, conforme dizem os egípcios, por causa desse ato injusto, logo enlouqueceu, mas já não estava muito sensato antes. (HERÓDOTO, 2017, p. 27-30)

Na passagem acima, pode-se perceber um contraste entre a forma e o tratamento dado aos subjugados por Ciro e Cambises. Deve-se ressaltar que Ciro tinha uma postura de respeito com os costumes de todos os povos que estavam sob seu jugo, ao contrário de Cambises, que mostrou total desrespeito, além de evidenciar a falta de sensibilidade em relação aos costumes religiosos dos egípcios. Além disso, o ato de Cambises ter ferido o touro Ápis possui um simbolismo, porque Ápis era responsável pela soberania e vitalidade do faraó. Ou seja, ferir Ápis poderia simbolicamente representar o fim do poder do faraó no Egito. Além disso, Heródoto também narra que após Cambises ter ultrajado o touro Ápis, o monarca piorou e passou a cometer mais ultrajes em sua estadia no Egito.¹⁹ Por fim, nessa passagem, há também

¹⁹ Os dois atos mais terríveis de Cambises, após ultrajar o deus touro Ápis, foram contra sua própria família. No primeiro ato, Cambises teve uma visão em um sonho e interpretou que seu irmão matar-lhe-ia por poder e ocuparia o trono. Por esse motivo, Cambises manda o irmão de volta para Susa junto a Próxapés que tinha por objetivo matar o irmão de Cambises e para que ninguém desconfiasse, Cambises chamou um mago chamado “falso Esmérdis” para ficar no lugar de seu irmão. No segundo ato, Cambises assassina sua irmã mais nova que foi trazida para o Egito para que ele se casasse com ela. Os motivos apresentados por Heródoto para tais atos são: 1) Cambises ter matado Ápis; 2) Cambises sofrer de uma doença chamada “sagrada” tratando-se da epilepsia.

a presença divina encarnada como a juíza dos homens, que se pode denominar “karma”.²⁰ Pode-se ressaltar, no relato herodotiano, que todos os homens com vícios tendem à destruição, e isso ocorre com diversas personagens ao longo das *Histórias*, não apenas com os monarcas persas,²¹ ressaltando a crítica que Heródoto faz aos vícios dos homens e aos desgovernos provenientes desses vícios.

DARIO, O GRANDE, E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O IMPÉRIO: A REPRESENTAÇÃO DE UM “MERCADOR”

Nesse último tópico, serão trabalhados a conjuntura e os feitos do “Rei dos reis”, o monarca Dario I, que contribuiu fortemente para a grandeza do Império Persa Aquemênida e, principalmente, para a manutenção da estrutura imperial. Tendo isso em vista, Heródoto define Dario I como um “mercador”, levando em conta as realizações do seu governo. Para exemplificar seus feitos, destacam-se: a reorganização administrativa e fiscal do império, a fundação e reforma das cidades imperiais Persépolis e Susa, a vasta produção epigráfica, a reforma da escrita cuneiforme, a introdução, padronização e difusão da moeda (dáríco), a reforma da ordem judiciária e as explorações geográficas. Por esse motivo, Dario levou o epíteto de “o Grande”, assim como Ciro anteriormente. Tal epíteto foi resultado das inúmeras realizações feitas pelo monarca ao longo do seu reinado, como: a construção da Estrada Real, por onde passava todo tipo de transação comercial, ressaltando o caráter “mercador” de Dario, cognome esse vinculado às contribuições de caráter econômico, administrativo, comercial e fiscal realizadas por esse governante. Além do estabelecimento de um funcionamento interno coeso entre “centro e periferia” ou “capital e satrapias”. Com base no exposto, Asheri (2006) argumenta que:

No contexto de relação entre Centro e Periferia e, conseqüentemente os poderes centrais e periféricos, havia uma espécie de aliança entre o “Rei dos reis” e os sátrapas/líderes locais. Essa era a estrutural “estatal” do Império Persa, na qual o “Rei

²⁰ Para mais informações, verificar o episódio 64 do Livro III das *Histórias*. Heródoto narra um episódio onde Cambises, após perceber que seu irmão havia morrido em vão e o “falso Esmérdis” o havia traído, parte apressadamente para Susa, a fim de levar uma expedição militar contra o “falso Esmérdis”. Com toda essa pressa, Cambises acaba por se descuidar e ser ferido no mesmo lugar que havia ferido anteriormente o touro Ápis, o que resultou na sua morte. O episódio exalta a presença divina como juíza dos homens.

²¹ Alguns dos exemplos mais emblemáticos foram Astíages (avô de Ciro, o Grande), Cresos (rei da Lídia), Cambises e Xerxes, ou seja, temos um medo, um lídio e dois persas. Vale ressaltar que, por mais que os exemplos emblemáticos estejam todos ligados ao Oriente, há também casos gregos ao longo dos nove livros, mas não são tão emblemáticos por se tratarem mais de famílias do que personagens propriamente ditas.

dos reis” arquitetava benefícios para os líderes locais, realizava propagandas para a sua legitimação e, também, a aliança existia por alegações de trocas de benefícios: segurança, por exemplo. Essa relação “entre centro e periferia que caracteriza a estrutura e a evolução deste conglomerado gigantesco de povos, línguas, religiões e civilizações e que também constitui o seu calcanhar de Aquiles.” (ASHERI, 2006, p. 41).

O estabelecimento dessa (re)organização interna do império foi responsável por desencadear toda uma rede de conexões entre os diversos territórios anexados, ocorrendo, assim, interações de caráter social e, principalmente, econômico. Levando isso em consideração, Dario é visto por Heródoto como um monarca “mercador”. Outro fator que pode evidenciar essa representação de Dario I como um “mercador” são algumas das passagens herodotianas, nas quais o monarca enviou seus arautos para realizarem a transmissão de sua mensagem para os gregos. Ele tenta estabelecer um acordo, no qual os gregos declarariam, por meio da oferta de “terra e água”, subserviência ao monarca. Essas passagens evidenciam a representação de um monarca “mercador”, não vinculado, única e exclusivamente, ao caráter econômico, mas também ao seu perfil de negociador e diplomata, como pode ser evidenciado na passagem que se segue:

O soberano sondou, em seguida, os Gregos, para ver se eles tinham a intenção de fazer-lhe guerra ou de se submeterem ao jugo persa. Enviou emissários a uma costa e a outra da Grécia, para pedirem, em seu nome, terra e água. Despachou outros para as cidades marítimas que lhe pagavam tributos, ordenando-lhes que construíssem navios de guerra e batéis para o transporte de cavalos. (HERÓDOTO, 2022, p. 48)

Apesar da tentativa diplomática de Dario, os gregos se recusaram a aceitar que um “déspota oriental” tentasse conquistá-los e anexá-los a seu império. Devido a essa arrogância despertaram a cólera do rei Dario que, futuramente, levou ao início das guerras Greco-pérsicas. Além disso, o que causou o ápice da cólera do monarca foi o auxílio grego, mais precisamente ateniense, a uma revolta em Sardes, que resultou no incêndio da cidade. Tal atitude foi considerada a “gota d’água” para Dario, que marchou contra a Grécia, chegando na planície de Maratona em 490 a.C., iniciando a primeira batalha das Guerras Médicas, a Batalha de Maratona. A passagem a seguir evidencia a cólera de Dario refletida sobre o insulto grego, porque, além dos gregos terem recusado a oferta de “terra e água”, os espartanos assassinaram um dos seus emissários persas, enquanto os atenienses auxiliaram na revolta de Sardes. Segundo Heródoto (2022):

Dario não se esquecia do insulto dos Atenienses, tanto mais que um dos seus oficiais lhe recordava constantemente, e os partidários de Pisístrato o incitavam, caluniando os Atenienses. Dario, que alimentava o desejo de subjugar todos os povos da Grécia

que lhe haviam recusado terra e água, aproveitou a oportunidade para declarar-lhes guerra. Tirou de Mardônio o comando das forças que não haviam sido bem sucedidas no mar e entregou-o a Dátis, medo de nascimento, e ao seu sobrinho Artafernes, filho de Artafernes, governador de Sardes, enviando-os contra Atenas e Erétria, com ordem de reduzir todos os habitantes à escravidão, trazendo-os para a Pérsia nessas condições. (HERÓDOTO, 2022, p. 94).

Pode-se atentar nessa passagem para outra representação para além da de “mercador”, que consiste na figura de Dario como um monarca “conquistador, explorador e viajante”. Podemos exemplificar as expedições empreendidas pelo rei após ascender ao poder que se caracterizam com um projeto de retorno à glória de Ciro, o Grande, isto é, realizando conquistas e anexando povos ao império. Por esse motivo, o terceiro “Rei dos reis” levou o epíteto de “Dario, o Grande”, da Ásia, o que foi o resultado de muitos de seus feitos ao longo de todo seu império. Vale ressaltar que, muito provavelmente, há uma intenção de aproximar Dario com Ciro, por causa do uso do epíteto de “Dario, o Grande” ou, até mesmo, das expedições empreendidas e lideradas por ele para continuar o projeto de conquista iniciado por Ciro. Seu objetivo não seria apenas o de anexar mais territórios e povos ao império, mas, também e, principalmente, reforçar as fronteiras já existentes do império.

A maior parte da Ásia²² foi descoberta por Dario.²³ Esse soberano, querendo saber em que ponto do mar desembocava o Indo equipou alguns navios, o único rio onde se encontram crocodilos, equipou alguns navios, tendo por tripulantes homens treinados, entre os quais figuravam Cífax e Cariando. [...] Terminado o périplo, Dario subjugou os Indianos e passou a servir-se do mar que banhava o país. (HERÓDOTO, *Histórias*, IV, 2019, 64)

Levando-se em conta o reinado desastroso de Cambises, essa aproximação de Dario com Ciro, pode ser vista como uma forma de reconhecimento que Dario tinha sido a melhor escolha feita por Ahura-Mazda,²⁴ divindade a quem ele recorre na Inscrição de Behistun, assim

²² A “Ásia” a qual Heródoto se refere compreende os domínios territoriais aquemênidas que vão desde as colônias gregas na Ásia Menor até o Vale do Indo na fronteira com a Índia.

²³ Na passagem em questão, Heródoto deixa a entender que essa descoberta por Dario estaria ligada às conquistas realizadas pelo monarca na tentativa de dar continuidade ao projeto de conquistas de Ciro. Outras passagens que evidenciam o caráter “conquistador” (da Ásia) de Dario também se encontram no Livro IV, como, por exemplo: *Histórias*, IV, 1 e 143-144. Entretanto, deve-se salientar que, segundo Marcadle (2021), Dario deixou a sua marca como administrador, não como soldado. Além disso, Asheri (2006) também argumenta que o reinado de Dario é digno de memória, não tanto por sua contribuição à expansão territorial do império, mas pela reorganização administrativa e fiscal, e pela introdução, padronização e difusão da moeda. Evidencia-se, assim, que a forte representação de Dario como um monarca “mercador” nas *Histórias* de Heródoto foi além dos limites do relato herodotiano e se mantém na historiografia.

²⁴ Divindade persa bastante cultuada pelos reis deste período, visto como a responsável pela ordem cósmica, política e social na religião oficial do Império Aquemênida (o masdeísmo) que consiste numa visão dualista do mundo, na qual a divindade em questão é o princípio do bem contra Ahriman (o princípio do mal). Deve-se salientar que Ahura-Mazda foi a base para o estabelecimento de toda uma moralidade no que diz respeito à reforma

como, também, na genealogia fictícia estabelecida pelo monarca, buscando não apenas uma aproximação com Ciro, mas, também, a legitimação do seu governo. Isso era importante porque, Dario enfrentou uma conjuntura conturbada logo que ascendeu ao trono, ocorrendo diversas revoltas em todo o império, sendo visto como um “usurpador” por ter supostamente assassinado e deposto o “falso-Esmérdis”, cúmplice na morte do verdadeiro Esmérdis, irmão de Cambises, e assumido o papel do recém-falecido irmão do monarca, usurpando o poder na Pérsia para si. Após todo esse evento de morte e deposição, como Cambises não tinha deixado herdeiros e Dario tinha assumido o poder, foi encarado como um “usurpador”, gerando um período de clara instabilidade política, quando ocorreram inúmeras revoltas em todo o império. Entretanto, não focaremos em tal representação no presente artigo, até porque não é uma representação presente nas *Histórias* de Heródoto de Halicarnasso. Por fim, o que se pode perceber é que, assim como os demais monarcas, Dario também é um monarca com múltiplas facetas apresentadas ao longo do relato herodotiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da forma como os reis aquemênidas foram construídos dentro do imaginário grego, o presente artigo levou em conta que, graças ao combate travado entre Grécia e Império Persa na primeira metade do século V a.C., tais monarcas eram vistos como “bárbaros”. Tais eventos influenciaram diretamente nas representações criadas a partir da afirmação da identidade grega, pautada no estabelecimento de distinções do que era ou não considerado “ser grego”, frente ao “outro”, representado pelos povos do Oriente e, principalmente, pelos persas. Ou seja, a partir dessa conjuntura, marcada por uma efervescência política, pôde-se levantar e discutir diversas questões relacionadas às temáticas de identidade e alteridade aplicadas no âmbito das representações herodotianas. Dentro desse aspecto, deve-se salientar também que Heródoto, por ser um grego da Ásia Menor e por ter viajado e ter tido contato com diversos povos e culturas, tinha uma visão mais ampla e, até mesmo, suavizada quando dirigia seu olhar à civilização persa, bem como em relação a seus monarcas.

Além disso, tentou-se realizar a apresentação de algumas dessas representações que se fazem presentes nas *Histórias*, dando ênfase às representações utilizadas pelo autor no Livro

da ordem judiciária, segundo a qual Dario julgava os homens com base em suas virtudes (valorização) e seus vícios (punição).

III - *Tália* para realizar a comparação entre os três primeiros monarcas do Império Persa Aquemênida: Ciro II, como pai; Cambises II, como déspota; e Dario I, como mercador. Todas essas representações, vale ressaltar, são fruto de como gregos e, principalmente, Heródoto, viam o “outro” e a si próprios, sendo pautadas, na maioria das vezes, em paradoxos/antíteses, tendo, como exemplo: vícios e virtudes e liberdade e tirania. Ademais, as *Histórias* são também fruto de seu próprio tempo, e deve-se levar em conta de que maneira o cenário político ateniense influenciou, direta e indiretamente, a escrita e o julgamento do “pai da História”, levando em conta que seu público era majoritariamente ateniense, sendo necessário realizar, muitas das vezes, uma “tradução do outro” tornando, assim, as representações dos monarcas persas em figuras multifacetadas e extremamente complexas. Por fim, procurou-se ressaltar a complexidade dessas representações, evidenciando tanto os vícios quanto as virtudes dos monarcas aquemênidas apresentados ao longo do relato herodotiano, a fim de contribuir para o questionamento e oposição à existência de um “despotismo oriental” tão enfatizado na historiografia greco-romana.

REFERÊNCIAS

ASHERI, David. **O Estado Persa: ideologias e instituições no Império Aquemênida**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CONDILO, Camila da Silva. **Heródoto, as tiranias e o pensamento político nas *Histórias***. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GUARINELLO, Norberto. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013.

GUARINELLO, N. L. Uma Morfologia da História: As Formas da História Antiga. **Politeia - História E Sociedade**, São Paulo, 2003, p. 41-61.

HALL, Edith. **Inventing the Barbarian: Greek Self-Definition through Tragedy**. Oxford, 1989.

HALL, J. Quem eram os gregos. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 2001, p. 213-225.

HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre a Representação do Outro**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LIVERANI, Mario. **O Antigo Oriente: História, Sociedade e Economia**. São Paulo: Edusp, 2016.

MARCADLE, Meredith. **A História da Ásia Antiga**. São Paulo: M. Books, 2021.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Heródoto e suas Histórias. **Revista de Teoria da História**, Ano 7, Número 13. Goiás: UFG, 2015.

SOUZA, Matheus Vargas de. **Ἀθηνέων κατήκοι**: estudo sobre a relação política entre as Histórias de Heródoto e o Império Ateniense. 2020. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

TREUK, Matheus. **O Império Aquemênida em Heródoto**: Identidade e Política nas Histórias. 2018. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

FONTES

HERÓDOTO. **Histórias**: Livro I, Clío. São Paulo: Edipro, 2015.

HERÓDOTO. **Histórias**: Livro II, Euterpe. São Paulo: Edipro, 2016.

HERÓDOTO. **Histórias**: Livro III, Talia. São Paulo: Edipro, 2017.

HERÓDOTO. **Histórias**: Livro IV, Melpômene. Silva. São Paulo: Edipro, 2019.

HERÓDOTO. **Histórias**: Livro V, Terpsícore. Silva. São Paulo: Edipro, 2020.

HERÓDOTO. **Histórias**: Livro VI, Melpômene. Silva. São Paulo: Edipro, 2022.

HERÓDOTO. **História**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. Reedição da Coleção Clássicos Jackson (1950). Volume 24: Vol. 2 (Livro V, Livro VI, Livro VII, Livro VIII, Livro IX).